



RELICI

## A ÉTICA DA IMAGEM NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: O FIM DA VERDADE DOCUMENTAL?<sup>1</sup>

*THE ETHICS OF THE IMAGE IN THE AGE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE: THE END OF DOCUMENTARY TRUTH?*

*Naican Escobar<sup>2</sup>*

### RESUMO

O presente artigo investiga a crise da veracidade na imagem cinematográfica contemporânea diante da emergência das tecnologias de Inteligência Artificial (IA) generativa. Partindo da ontologia da imagem fotográfica de André Bazin, analisa-se como a transição da captura de luz para a síntese algorítmica rompe o elo de indexicalidade que historicamente legitimou o cinema documental. Discute-se o fenômeno dos *deepfakes* e a necessidade de uma nova ética do olhar, onde a autenticidade da obra deixa de residir no suporte técnico para se alojar na responsabilidade curatorial do cineasta.

**Palavras-chave:** cinema documental, inteligência artificial, ética da imagem, pós-verdade, deepfake.

### ABSTRACT

This article investigates the crisis of veracity in contemporary cinematic images in the face of the emergence of generative Artificial Intelligence (AI) technologies. Starting from André Bazin's ontology of the photographic image, it analyzes how the transition from light capture to algorithmic synthesis breaks the link of indexicality that historically legitimized documentary cinema. The phenomenon of deepfakes and the need for a new ethics of the gaze are discussed, where the authenticity of the work ceases to reside in the technical support and takes root in the curatorial responsibility of the filmmaker.

**Keywords:** documentary cinema, artificial intelligence, ethics of the image, post-truth, deepfake.

---

<sup>1</sup> Recebido em 24/12/2025. Aprovado em 21/01/2026. DOI: [doi.org/10.5281/zenodo.19512611](https://doi.org/10.5281/zenodo.19512611)

<sup>2</sup> Centro Universitário Cidade Verde. [naicanescobar@gmail.com](mailto:naicanescobar@gmail.com)



RELICI

## **INTRODUÇÃO: A MORTE DO ÍNDICE**

A história do cinema documental foi construída sobre um pacto de confiança tácito entre o realizador e o espectador: a crença de que a imagem na tela guardava um vestígio físico do real. André Bazin, em seus textos fundamentais, descrevia a fotografia como uma "múmia da mudança", preservando o tempo embalsamado. A imagem era um índice, uma prova de que "aquilo aconteceu". No entanto, a inserção massiva de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) generativa na cadeia de produção audiovisual inaugura uma ruptura epistemológica sem precedentes.

Hoje, a imagem não precisa mais de um referente no mundo físico para existir. Ela pode ser inferida, calculada e sintetizada por redes neurais. Este artigo propõe que estamos transicionando da "Era do Registro" para a "Era da Simulação", exigindo dos realizadores e teóricos uma reformulação urgente dos códigos de ética que regem o cinema de não-ficção.

## **DA CAPTURA À SÍNTESE: O NOVO ESTATUTO DA IMAGEM**

A distinção clássica entre documentário e ficção sempre foi tênue, mas tecnicamente rastreável. Contudo, com o advento de tecnologias como o *Midjourney* ou o *Sora*, a barreira visual entre o capturado e o gerado se dissolveu.

No contexto da produção contemporânea, o cineasta se depara com a possibilidade de preencher lacunas de arquivo com imagens sintéticas indistinguíveis da realidade. Se, por um lado, isso oferece uma liberdade criativa ilimitada para reconstruir memórias perdidas, por outro, coloca em xeque o valor de prova do documento.

A imagem técnica não é uma janela para o mundo, mas uma projeção de intenções calculadas. Na era digital, ver não é mais crer; ver é duvidar da procedência dos pixels que compõem a superfície visível (FLUSSER, 2002, p. 45).

Essa desconfiança sistêmica, apontada por Flusser, é amplificada pela IA. O documentarista, antes um "caçador de imagens", torna-se agora um "programador de



RELICI

prompts". A questão central deixa de ser "como filmar a verdade?" e passa a ser "como certificar a verdade?".

## DEEPPAKES E A REESCRITA DA HISTÓRIA

O uso de *deepfakes* (hiper-realismo sintético de rostos e vozes) no cinema traz implicações profundas. No documentário *Roadrunner: A Film About Anthony Bourdain* (2021), a voz do protagonista falecido foi recriada por IA para ler um e-mail que ele escreveu, mas nunca verbalizou. A polêmica gerada expôs a fragilidade das nossas fronteiras éticas.

Até onde é aceitável manipular a realidade em nome da narrativa emocional? Se a voz é falsa, mas o texto é verdadeiro, a verdade documental permanece intacta? Essas perguntas sugerem que o cinema está adentrando um território de "Pós-Verdade Estética". O perigo reside não apenas na falsificação maliciosa, mas na naturalização da manipulação invisível, onde o espectador perde a capacidade de discernir o documento histórico da invenção algorítmica.

## A RESPONSABILIDADE CURATORIAL DO CINEASTA

Diante da facilidade de manipulação, a tecnologia não pode ser a fiadora da verdade. Esse papel retorna, paradoxalmente, para o humano. A ética do documentário na era da IA dependerá inteiramente da transparência do processo criativo.

Propõe-se aqui o conceito de "Transparência Processual": o filme deve, em sua estrutura, revelar seus artifícios. O cineasta contemporâneo deve assumir sua subjetividade não como uma falha, mas como a única garantia de honestidade possível. Ao invés de esconder a IA para criar uma ilusão de realidade perfeita, o cinema de invenção deve expor a costura, tensionando a relação entre o arquivo real e a intervenção digital.



RELICI

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Inteligência Artificial não decretará o fim do documentário, mas certamente decretou o fim da ingenuidade do olhar. O cinema documental do futuro será aquele que conseguir navegar a ambiguidade das imagens sintéticas sem perder seu compromisso ético com o mundo histórico.

Para o realizador, resta o desafio de usar a IA não como uma ferramenta de engano, mas como um instrumento de expansão da linguagem, lembrando sempre que, embora a máquina possa gerar imagens, apenas a consciência humana pode conferir a elas sentido e responsabilidade moral.

## REFERÊNCIAS

BAZIN, André. **O que é o cinema?**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.